

Contribuições diacrônicas para o estudo do uso temporal do item onde

Adriana dos Santos **SOUZA** *
Faculdade Metropolitana de Maringá

Resumo: O presente artigo busca demonstrar o emprego temporal do item adverbial *onde* nos séculos XIV, XVI e XXI, em textos de temática religiosa, com o intuito de explicar o porquê desse uso que se apresenta, nos compêndios gramaticais, como incorreto. Como subsídio para o estudo, utilizaram-se as teorias sobre mudança linguística, especificamente a gramaticalização. Verificou-se que o sentido relativo a tempo não se configura como inovação linguística, pois já se registrava nos primórdios da nossa língua materna. Essa ampliação de sentido dever-se-ia à proximidade semântica existente entre tempo e espaço na Língua Portuguesa.
Palavras-chave: Onde; Expressão de tempo; Gramaticalização.

Abstract: This article aims to show the temporal use of adverb *where* in the XIV, XVI e XXI centuries in religion texts, in order to explain why this use is considered incorrect by Portuguese grammars. Theory applied in this study was based on linguistic change, mainly grammaticalization. It was observed that the meaning related to time is not a new linguistic form because it was found in the beginning of the development of our mother tongue. The meaning ampliation occurs due to the semantic proximity between time and space in Portuguese.

Key-words: *Onde*; Time expression; Gramaticalization.

* Doutoranda em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Professora da Faculdade Metropolitana de Maringá – UNIFAMMA. Contato: drisansou@gmail.com.

Introdução

Recentes pesquisas têm comprovado o emprego do item adverbial *onde* em contextos diversos daqueles preconizados em estudos como os de Souza (2007), Bittencourt (2006), Bonfim (2005) e Marinho (2002). Entre esses usos, há referências a uma percepção temporal que o item seria capaz de exprimir, levando os falantes de Língua Portuguesa do Brasil a construir períodos como *Um Natal onde Jesus é a razão de ser dessa palavra*.

Ocorrências desse tipo revelam mudanças pelas quais uma língua passa ao longo dos séculos, enquanto é utilizada. Essas mudanças, todavia, não ocorrem de forma aleatória, tampouco caracterizam empobrecimento da linguagem. Elas são condicionadas a vários fatores, como necessidades comunicativas ou ausência de designações para certos conteúdos cognitivos; podem ocorrer em qualquer segmento de uma língua e são observadas nos diferentes níveis da análise linguística, como o fonético-fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico, o lexical e o pragmático.

Alguns linguistas observam que, quanto mais frequente for o novo uso da forma, mais gramaticalizada ela é. Em termos gerais, a gramaticalização, perspectiva teórica adotada nesta pesquisa, é um processo de mudança por meio dos estudos das transformações pelas quais um item lexical passa, assumindo sentidos e funções de ordem intralinguística. Essas mudanças originam as palavras gramaticais, constituindo

[...] etapas de processos diacrônicos, resultantes de mudanças que afetaram palavras lexicais, nos níveis semântico, sintático, mórfico e fônico. [...] A gramaticalização tenta explicitar essa passagem, pelo estudo do uso, detecção dos contextos semântico-sintáticos e aproximações distributivas ou de sentido que a teriam possibilitado. Se concentra a observação no estudo do significado, postulam-se metáforas e processos assemelhados, que fazem um signo lingüístico “descolar” suas partes constituintes, permitindo seu deslizamento, no

âmbito do significado e/ou do significante, através da estrutura lingüística. (COSTA, 2004, p. 49)

O estudo do processo de gramaticalização não constitui uma tarefa simples, justificada pela diversidade de pesquisadores que o fazem e pela profunda discussão existente acerca do estabelecimento de um conceito único e de princípios norteadores do fenômeno.

Castilho (2006) comenta que um item lexical passível de sofrer o processo de gramaticalização, deve “dispor de traços semânticos” e “de propriedades discursivas” capazes de lhe permitir atuar como um coesivo ou marcador conversacional. Mais adiante, o linguista acrescenta que “qualquer expressão lingüística exhibe simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais, variando o grau de saliência entre elas, por razões ainda pouco claras” (CASTILHO, 2006, p. 250). Dessa forma, a rigidez em se identificar um marco inicial e outro final no processo de mudança torna-se inconsistente, visto que toda palavra apresenta, ao mesmo tempo, todas as propriedades.

Outro aspecto divergente nos estudos da gramaticalização envolve a questão da sincronia e da diacronia. Durante anos, a lingüística diacrônica “abrigou” os estudos sobre gramaticalização, para fins de análise e de reconstrução da história de uma língua. A partir dos anos 70, questionamentos a respeito da interação sincronia/diacronia despertaram novos olhares para esse processo. Hopper e Traugott (1993) salientam duas perspectivas para estudar a gramaticalização: uma de forma histórica e outra sincrônica. Alguns autores, como Furtado da Cunha et al. (2003), propõem a adoção de uma visão pancrônica do fenômeno, uma vez que as mudanças, ao longo do tempo, explicam alterações sincrônicas; envolvem o sistema e o uso. A adoção de apenas uma das abordagens não permite a observação da “natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados” (FURTADO DA CUNHA et al., 2003, p. 73).

Diante do exposto acima, buscamos, neste artigo, apresentar um breve estudo sobre o processo de gramaticalização do item adverbial *onde*, com destaque para o seu emprego temporal. Para isso, inicialmente, destacamos explicações atribuídas a ele em algumas gramáticas (BECHARA, 2004; NEVES, 2000; PERINI, 1996; CÂMARA, 1976; PERINI, 1996; SAID ALI, 1971), a fim de observarmos como é entendido e classificado o item adverbial em questão. Em seguida, apresentamos alguns registros temporais do *onde* em textos de temática religiosa dos séculos XIV, XVI e XVI. A escolha do *corpus* deve-se ao fato de que ele compõe uma pesquisa maior, intitulada *Tempo e espaço: a gramaticalização do item adverbial onde em textos religiosos: séculos XIV, XVI e XXI*, na qual a adoção de textos de mesma temática e de sincronias distintas justificava-se pela observação de que muitos trabalhos pancrônicos publicados contrapunham produções arcaicas (textos religiosos ou documentos) com gêneros textuais contemporâneos diversos. A eleição de um tema único poderia contribuir ou não para a compreensão do fenômeno da gramaticalização. Após a apresentação da análise dos dados, nesse estudo, tecemos comentários sobre os resultados obtidos em relação ao processo de mudança estudado.

1 O Que Dizem as Gramáticas sobre o *Onde*

João de Barros (apud BUESCU, 1969), ao tratar a importância das classes gramaticais em sua *Cartinha para aprender a ler*, metforiza que, assim como o jogo de xadrez possui dois reis, um de cada cor com suas respectivas peças, há também na língua dois reis, diferentes em gênero e função: o nome e o verbo. Ainda sobre o jogo, o gramático explica que para cada rei há uma rainha e o mesmo acontece com a Língua Portuguesa: para o nome há “uma rainha”, o pronome e, para o verbo, há o advérbio.

A importância que João de Barros dispensa aos advérbios não é, todavia, a mesma dispensada por muitos pesquisadores. Na verdade, a literatura a respeito dessa classe gramatical é ainda modesta e deve-se, em parte, à dificuldade em estabelecer critérios

para sua classificação, visto que esse “rótulo” é aplicado a inúmeras palavras, distintas morfo e sintaticamente entre si.

Sobre os advérbios, Mattoso Câmara Jr. (1976, p. 115), em resgate histórico, postula que

[...] nas línguas indo-europeias há ‘certas formas nominais ou pronominais que trazem um sentido suplementar à significação essencial da comunicação centrada no verbo’. Tal foi o vocábulo que os gramáticos gregos chamaram *epirrhéma* ‘acrescentado ao verbo’ (gr. rhéma ‘verbo’). Os gramáticos latinos traduziram o termo grego como *adverbium*.

Posto que haja formas nominais e pronominais relacionadas ao verbo, posteriormente denominadas advérbios, o linguista elenca três tipos de advérbios: dois de natureza pronominal e um de base nominal. Os dois primeiros, por sua função na comunicação linguística, servem para situar o espaço ou o tempo em relação ao falante. São os advérbios locativos e temporais, respectivamente.

O autor explica que os advérbios locativos se associam mórfica e semanticamente aos pronomes demonstrativos latinos *hic* (neste lugar em que falo), *istic* (nesse lugar em que estás), *illuc* (naquele lugar). Os temporais situam a comunicação na linha temporal ou fora dela: *nunc* (nesse momento em que falo), *tunc* (então, noutro momento).

O terceiro grupo descrito por Mattoso Câmara Jr. (1976) é o de natureza nominal, comumente chamado de advérbio modal ou de modo, porque assinala “modos de ser” do evento. Correspondem às formas *sempre*, *tarde*, *mal* etc., herança do sistema adverbial latino e daquelas que se formam por derivação com acréscimo do sufixo – *mente* a um adjetivo: *claramente*, *justamente*. Ainda segundo o linguista, a tradicional definição de advérbio como modificador se refere a esses tipos de advérbios.

Essa classe engloba, na verdade, uma série de classes gramaticais, pois, boa parte das palavras que a constituem são vocábulos cujas características morfossintáticas se aproximam de outras. Desse modo, quando esses “advérbios” são analisados, nota-

se que não há possibilidade de estabelecer critérios que sejam capazes de agrupá-los de forma análoga, não autorizando, dessa maneira, “a postulação de uma classe única”, conforme atesta Perini (1996).

Na concepção de Bechara (2004), as classificações existentes a respeito do advérbio pautam-se na semântica e/ou na função que o elemento considerado exerce. Semanticamente, pertenceriam à classe adverbial formas como *agora, antes, tarde, aqui, tanto*, ou seja, os chamados advérbios de tempo (*agora, tarde*), de lugar (*aqui, fora*), de quantidade (*muito, tanto*) etc. Os definidos como advérbios demonstrativos (*aqui, aí*), relativos (*onde, como*) e interrogativos (*quando? onde?*) exemplificariam a classificação voltada para a função. O autor também apresenta os advérbios classificados de acordo com a circunstância que expressam, como assunto, causa, companhia, referência, concessão, condição, conformidade, tempo, dúvida etc.

Verifica-se que essa classificação já se observava nos compêndios gramaticais latinos, uma vez que os advérbios eram distribuídos em grupos, segundo o critério da indicação da circunstância que exprimiam. As principais eram as que denotavam lugar, tempo e modo. No que concerne aos locativos, havia quatro formas relacionadas às funções atualmente atribuídas ao advérbio *onde: ubi, quo, unde e qua*. A primeira empregava-se com verbos de permanência (estar, permanecer, ficar); a segunda era usada com verbos de movimento, como *ir, dirigir-se; unde* indicava proveniência e *qua* indicava passagem (passar, andar por um lugar).

Do latim para o português arcaico, verifica-se a redução de quatro para duas as formas expressivas de lugar. Said Ali (1971) discorre sobre isso: “para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedência, serviram à linguagem antiga os advérbios *u* (latim *ubi*), também grafado *hu*, e *onde* (latim *unde*), podendo ambos fazer às vezes de pronome relativo” (SAID ALI, 1971, p.185).

Ao lado do emprego locativo do item discutido, observa-se no glossário da obra *A Demanda do Santo Graal*, organizado por Magne (1944), a possibilidade semântica temporal associada tanto ao *u* quanto ao *onde*. Na atualidade, Neves (2000) também verifica esse uso.

Dessa forma, embora a gramática tradicional exclua o valor temporal do *onde*, alguns pesquisadores confirmam registros dessa natureza em diferentes sincronias do português.

2 Empregos Temporais do *Onde* ao Longo dos Séculos

A proximidade existente entre o sentido locativo e o temporal permite algumas observações em relação à expansão de empregos de determinados conectivos no Português. A inter-relação semântica entre esses valores faz que vários pronomes, preposições e advérbios sejam utilizados para expressar lugar e tempo, por meio de metáfora, ao “localizarmos” eventos em uma linha temporal do mesmo modo que localizamos objetos e seres espacialmente. É o que ocorre em “Este objeto está quebrado” e “Este ano terá um inverno mais rigoroso”. Nesses períodos, o mesmo pronome (*este*) refere-se a lugar e a tempo, respectivamente.

A fim de estudar o uso temporal do *onde*, reúnem-se aqui textos de temática religiosa produzidos nos séculos XIV, XVI e XXI, nas modalidades oral (apenas a última sincronia, por não haver registros orais referentes à fase arcaica) e escrita (todas as três), a fim de compor os *corpora*.

Como a fase medieval de nosso idioma não apresenta uma norma que a determine, os textos trecentistas e quinhentistas apresentam variações desde a grafia até a sintaxe, o que permite observar possibilidades estruturais em uso, “que são indicadores para mudanças que depois vieram a ocorrer e que, a partir da normatização gramatical, a documentação escrita exclui, visto que serão sempre algumas das variantes as selecionadas para o uso escrito normativizado das línguas” (MATTOS SILVA, 2006, p. 17).

Infelizmente, o reduzido número de cópias produzidas e o acesso restrito a elas levam ao estudo de apenas fragmentos de nossa história linguística. Dessa forma, nesse trabalho, somente duas obras do período arcaico foram escolhidas para análise, a fim de que as variações, tão comuns nessa fase, possam contribuir no entendimento sobre a atribuição de sentidos não locativos ao *onde*.

Assim, *Virgen de consolaçon* exemplifica o primeiro momento do português medieval, enquanto *Boasco deleitoso* ilustra o segundo momento da mesma fase. Para completar os *corpora*, foram analisadas produções do século atual, XXI, a fim de observar em que aspectos os usos do *onde* se assemelham ou não às fases anteriores, contribuindo para o estudo da gramaticalização desse elemento.

Por estarem, as duas produções religiosas medievais, escritas em uma linguagem arcaica, a leitura e o entendimento por parte do leitor podem ser prejudicados. Para tornar os fragmentos compreensíveis, está disponível, ao lado de cada citação, uma versão atualizada. Salientamos que essa versão se constitui em uma paráfrase, pois uma tradução literal traria para o texto alguns prejuízos semânticos, em vista do estilo de escrita dos autores, das intervenções dos copistas e dos diversos recursos linguísticos empregados em cada período. Dessa forma, as leituras realizadas desses textos, na presente pesquisa, não se constituem como única, mas apenas uma delas. Também incluímos as variantes *u/bu* na análise.

3 A Análise

Foram encontradas 291 ocorrências do item adverbial *onde* nas três sincronias consideradas. Dessas realizações, 81 pertencem ao século XIV, 91 ao século XVI e 119 ao século XXI. Ressaltamos que por haver, nas duas sincronias anteriores, as variantes *bu* e *u*, essas foram contabilizadas, no presente trabalho, junto com a forma *onde*, conforme o demonstrado na tabela 1:

	Século XIV	%	Século XVI	%	Século XXI	%
Ocorrências de <i>onde</i> temporal	5	6,0	4	4,0	5	4,0
Outras ocorrências de <i>onde</i>	76	94,0	87	96,0	114	96,0
TOTAL	81	100,0	91	100,0	119	100,0

Tabela 1 – Ocorrências de *onde* nos séculos XIV, XVI e XXI

Percebe-se que o número de registros temporais de *onde* (em média, 4%) é pequeno em relação às realizações totais em cada sincronia, porém, mantém-se com o passar dos anos. Isso parece indicar que o sentido temporário coexiste com o valor locativo, ainda que os puristas da língua procurem desconsiderá-lo.

No *Virgem de Consolaçon*, foram encontrados registros temporais de *onde* como no exemplo a seguir:

(1) *V, 1014: E a primeyra sabença he temer homem Deos, e des'i honestidade de vida sen enpecimento de obra, onde o scrivã en tempo de vagar screve a sabença.*

E a primeira sabedoria é o homem temer a Deus e depois a honestidade da vida, sem prejuízo da obra, quando o escrivão escreve a sabedoria em tempo de perdição.

Na passagem assinalada, a sabedoria de temer a Deus é conhecida no momento em que o escrivão escreve, em um tempo de perdição. A substituição pela conjunção *quando* contribui para a verificação dessa noção de tempo, além da presença de um advérbio temporal no período, *depois*, que marca a sequência de sabedorias e do vocábulo *tempo*. Note-se que, nesse caso, o item não recupera o sintagma que o antecede porque, se o fizesse, a oração não teria sentido, conforme se verifica na reconstrução da sentença com a presença de um Sintagma Preposicionado (*Sprep*): *E a primeira*

sabedoria é o homem temer a Deus e depois à honestidade da vida, sem prejuízo da obra, em que o escrivão escreve a sabedoria em tempo de vagar.

(2) *V, 1074: Ante todas as creaturas foram criados os anjos, e ante o criamento dos angeos foi o diaboo facto. Sey que he scripto que elle he começo das obras de Deos, onde a comparaçon dos outros he dicto archanjo, porque foy primeyramente criado,...*

Antes de todas as criaturas, foram criados os anjos, e, antes da criação dos anjos, foi feito o diabo. Sei que está escrito que ele é o começo das obras de Deus quando foi chamado de arcanjo, em comparação aos outros, porque foi criado primeiro...

No excerto (2), a denominação arcanjo se constitui como o marco inicial (ser o primeiro) das obras divinas. Observa-se que o sintagma precedente ao *onde* se refere ao início de um período: *o começo das obras de Deus* e que, entre a oração que antecede e a introduzida pelo item, há relação lógico-semântico causal: o diabo é chamado arcanjo porque foi criado primeiro. A correlação temporal destaca uma subsequência entre os fatos, que, de acordo com Neves (2000), favorece uma interpretação causal. É como se dissesse: *porque o diabo foi criado primeiro, é chamado arcanjo.*

Os empregos temporais da variante *hu* são esparsos (3 ocorrências) no *Virgen*. É preciso mencionar, no entanto, que a identificação desses valores contribui para a compreensão do processo de gramaticalização que o *onde* vem sofrendo ao longo dos séculos, porque revela ser o sentido temporal um valor atribuído a esse item desde a formação da Língua Portuguesa:

(3) *II, 271: E diz sancto Ysidoro que per muitas vezes veemos que algũs em nome de justiça faz¹/2 crueldade e mal; e em nome de piedade, perdoã a aqueles que deviã a castigar; e, em nome de grandeza, despender o que deviã guardar; e, ¹/2 nome de guarda, ascondem e apoupam o que deviã despender; e, so nome de fortaleza, toman perfia hu a non deven tomar.*

... E diz Santo Isidoro que muitas vezes, sob o nome da justiça, fazem crueldade e mal; em nome da piedade, perdoam aqueles que deviam castigar; em nome da grandeza, despender o que deviam guardar; em nome da guarda, escondem e guardam o que deviam despender; e sob nome de fortaleza, confiam quando não devem confiar.

Em (3), há uso temporal do elemento *ao* indicar, após uma série de ações contraditórias do pecador, justificativas para essas atitudes – ser justo sendo cruel, ser piedoso sendo injusto etc. Nesse fragmento, há um emprego curioso do pronome *a*, porque ele parece retomar o sintagma nominal *perfia* que, na verdade, não é o complemento do verbo *tomar*, mas o nominalizador que acompanha o verbo suporte *tomar*: *tomar perfia* (*confiar*). Ele não é o objeto direto de *tomar*, mas forma com o verbo um significado único – *toman perfia hu a non devem tomar*: *confiam quando não devem confiar*.

(4) II, 543: *...e o que diz a mentira quer enpeencer e fazer mal hu non pode.* *... e diz mentira para prejudicar e fazer mal quando não pode.*

Tanto em (3) quanto em (4), os sintagmas que precedem o *hu* não indicam espaço; compreendem noções. Verifica-se também que o elemento em (4) não recupera qualquer expressão deslocada presente no fragmento, o que sinaliza um uso não locativo da partícula. Na verdade, a passagem exemplifica a referência temporal atribuída ao item, pois há possibilidade de substituí-lo pela conjunção *quando*, uma vez que as ações praticadas na oração principal não deveriam ter sido realizadas naquele momento. A oração temporal demonstra algumas das atitudes esperadas de um homem, confrontando-as com as realmente tomadas, contrárias aos preceitos católicos. Esse confronto é marcado, inclusive pelo uso de verbos modalizadores (*devem, pode*). Ao pontuar a ocorrência dessas ações na linha temporal, a forma *hu* “perde” seu sentido espacial e passa a expressar tempo, funcionando como conjunção.

(5) IV, 710: *E diz san Jeronimo: Jejuu acabado he hu se faz esmolla e oraçon todo compridamente.* *E diz São Jerônimo: jejum acaba quando se faz esmola e oração minuciosa e exaustivamente.*

A ideia expressa nesse excerto é temporal: é possível substituir *hu* por *quando* e, além disso, São Jerônimo explica em que momento se dá o fim de um processo (no caso, o jejum).

Já na obra *Boosco deleitoso*, encontra-se ao lado da forma *onde*, a variante *u*, cujo emprego temporal se verifica em (6):

(6) LII, 399, p. 141: *Per ventura tive maneira de correger mais altamente que devera? Ca fizze aspereza u devera fazer piadade. Ai de mim! Porque me calei? u devera falar cousas mais proveitosas, falei cousas de mais pouco proveito; anojei e escandalizei os home, falei cousas de mais pouco proveito;*

Por acaso, tive oportunidade de corrigir mais do que devia? Porque fui inclemente quando deveria fazer piedade. Ai de mim! Por que me calei? Quando devia falar coisas mais proveitosas, falei coisa de pouco proveito.

As inquietações do pecador quanto ao seu comportamento se revelam nesse fragmento por meio dos inúmeros questionamentos que ele faz. As interrogações quanto às suas práticas, como cristão, são destacadas pela sequência de descrição de atos “incorretos”, seguida pela citação daqueles que seriam mais aceitos pela vida cristã.

Para marcar essa oposição de atitudes, registram-se dois empregos temporais da forma *u* na passagem (6). O item, aqui empregado como conjunção temporal, explicita que o pecador, em algum momento de sua vida, procedeu de forma diferente daquela esperada de um católico. Como as ações se desenvolvem no decorrer do tempo e este é visto como uma linha, sendo possível “localizar” um ponto nela, o falante empregou o elemento locativo com sentido temporal. Faz-se necessário ressaltar que, na primeira ocorrência, embora haja um nome antecedendo a variante, esta não tem função anafórica, de forma que não é possível substituí-la pelo sintagma que a precede, com coerência, mas se aceita a troca pela conjunção temporal *quando*.

(7) LXVIII, 456, p. 171: - *Nom devemos a calar do profeta Jeremias, que per sua palavra, deu testemunho aa vida solitária, ali u disse: 'Boa cousa é com silêncio atender salvação do Senbor ...'*

- *Não devemos calar o profeta Jeremias, que por sua palavra, deu testemunho à vida solitária, ali quando disse: "Boa coisa é, em silêncio, esperar a salvação do Senbor..."*

Em (7), o elemento que antecede o *u* é o pronome demonstrativo *ali*, mas não o retoma e seu valor é temporal, visto que a substituição pela conjunção *quando* é possível, pois, pelo contexto, verifica-se que é resgatado o momento em que as palavras do profeta Jeremias foram proferidas, contribuindo para a exaltação da vida solitária, e não o lugar onde ele se encontrava quando as proferiu.

(8) CXXXIII, 684, p. 304: ... e *sabedoria nom acha lugar u nom é paciência e humildade.*

... e *sabedoria não acha lugar quando não há paciência e humildade.*

O exemplo acima constitui uma das questões discutidas por Neves (2000) em relação à correlação lógico-semântica que se associa à relação temporal estabelecida entre orações. Conforme a linguista, "também esse tipo de associação é licenciado por um conectivo de valor neutro (como o *QUANDO*) e pela natureza do complexo temporal que se estabelece em dependência do *tempo* e do *modo verbal* empregado em cada uma das *orações*" (NEVES, 2000, p. 797). Dessa forma, algumas predicções introduzidas por *quando* permitem leituras condicionais, o que acontece em (8), porque a paciência e a humildade são vistas como condições para que haja sabedoria. No entanto compreendemos, também, na passagem acima, que a virtude da sabedoria encontra espaço na vida do pecador *no momento em que* existe, nessa vida, paciência e humildade, o que caracteriza sentido temporal de *u*.

A pesquisadora supracitada ainda menciona que uma leitura condicional é admissível quando na oração principal e na temporal

há o emprego de determinados tempos verbais, como o presente do indicativo (verificado no excerto discutido), além do entendimento da conjunção temporal como equivalente a “todas as vezes que”: *e sabedoria não acha lugar **todas as vezes que** não há paciência e humildade*. Diante dessas aproximações de sentidos, opta-se aqui por discorrer sobre ambas, classificando-as, porém, como valor temporal a partícula pelo fato de a linguista, ao apresentar exemplos similares aos analisados, expô-los no capítulo referente às conjunções e construções temporais em sua *Gramática de Usos*.

(9) CXLVII, 726, p. 328: *Mas minha senhora, a gloriosa infante, em cuja mercee vivia teve mentes em na minha alma u a viu assi levantar-se:*

Mas, minha senhora, a gloriosa infante, em cuja compaixão vivia, prestou atenção na minha alma quando a viu assim levantar-se:

Em (9), o sintagma que antecede o elemento *é minha alma*, mas não é a ele que a variante se refere. Pelo contexto, o momento em que a alma se levantou é a noção retomada. Nesse caso, o emprego da conjunção *quando* seria a mais apropriada, de acordo com a gramática normativa.

Em relação ao Século XXI, foram reunidos diversos gêneros textuais justificados pela variedade de material existente sobre essa temática, bem como pela busca de registros que confirmassem as hipóteses levantadas inicialmente. Assim, há ocorrências nas modalidades escrita e oral, retiradas de jornais, revistas, sites, missas radiotransmitidas etc. Os fragmentos a seguir revelam o uso temporal de *onde* no século XXI:

(10) *Ele invade as casas, os hospitais, as ruas para ver quem tem fome, sede, quem está preso, o que sofre solidão, o desempregado, o sem-teto, o sem-terra, e aí fazer a revolução onde será tudo em todos pelo amor!*

RA. Nov. 05, p. 2.

No excerto (10), o item não recupera o sintagma *a revolução*, embora seja este o sintagma que o antecede. No contexto analisado,

Deus invadirá todos os lugares onde há problemas e fará as mudanças, a revolução na vida das pessoas, por meio do amor. Nesse sentido, tem-se uma ação (invasão divina) que se seguirá após outra (*revolução*). Esse processo se organiza na linha temporal, em uma sequência de eventos. A forma *onde*, ao ser empregado em (10), não faz referência espacial, mas se relaciona a uma das ações, indicando como será o tempo em que ela ocorrerá (tudo pelo amor). Dessa forma, o elemento apresenta valor temporal. Contribui ainda para a referência não locativa, o fato de o *onde* estar antecedido por um nome nocional.

(11) Você poderia olhar certas situações do mundo de hoje e concluir onde as pessoas se fecham à ação do Reino!
RA. Set. 05, p. 5

A passagem (11) também faz alusão a tempo ao indicar uma das ações da sequência temporal proposta: o pecador deve se voltar para as situações do mundo e, em seguida, concluir em que momento ou em qual dessas situações as pessoas se fecham para Deus. Percebe-se que o sintagma que antecede o *onde* é constituído por um verbo que não se refere a lugar. A expressão *mundo de hoje* também evidencia ideia de tempo no período.

(12) Um Natal onde Jesus é a razão de ser dessa palavra, por causa do Natal dele, este o sintagma que veio à terra pra me fazer renascer.
RA. Dez. 05, p. 31.

(13) A procissão foi uma grande benção para nossa arquidiocese, principalmente neste ano jubilar, onde ecoa mais forte em nossos corações o mandato de Jesus:
JMM. Jul. 06, p. 7.

Diferentemente dos dois exemplos anteriores, tem-se uma anáfora no fragmento (12) e o sintagma a que o *onde* se pospõe é um nome de referência temporal: *Natal*. Dessa maneira, o valor de tempo torna-se claro, não sendo necessário fazer uso da substituição

do elemento pesquisado pela conjunção *quando* para confirmá-lo. A noção temporal do *onde* também está explícita na passagem (13), em que retoma *neste ano jubilar*. Nos dois fragmentos, (12) e (13), a função sintática do item é de adjunto adverbial de tempo.

Nos textos escritos, o *onde* apresenta valor temporal também ao indicar o momento em que determinadas ações ocorreram, ou ao retomar sintagmas que denotassem tempo.

(14) *Estamos encerrando esta semana onde falamos sobre depressão.*

O excerto (14) constitui uma fala presente no Programa *Nossa missão é evangelizar*, transmitida pela TV Canção Nova. O item *onde* é anafórico temporal, ao se observar que o elemento antecessor a ele é *semana*, um sintagma não locativo que expressa período. Nessa passagem, o elemento pesquisado desempenha função de adjunto adverbial de tempo, ao se referir ao momento em que foi discutido o tema *depressão*.

(15). *Quando ele [Davi] recebe a arca da aliança, ele também praticamente responde com as mesmas palavras, onde Davi mostra sua alegria por receber a arca da Aliança...*

Por sua vez, a passagem acima, que integra o sermão da missa da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, o sintagma que precede o *onde* é nocional também (*as mesmas palavras*), mas não expressa tempo. O sentido temporal é dado pelo contexto, ao revelar que, no momento de recebimento da arca, Davi mostra sua alegria. Novamente, tem-se uma sequência de ações e a partícula indica o instante em que uma delas ocorre. É possível substituir o item pela conjunção *quando*.

Na modalidade oral, embora haja poucos exemplos analisados, verifica-se o uso não locativo do item *onde*, com destaque para a noção de tempo. Essa noção é verificada em excertos que apresentam anáfora de um substantivo de valor semântico de tempo (*semana*) ou naqueles em que o contexto permite identificar que o item indica o momento em que as ações foram realizadas. Nesse

último, a conjunção temporal *quando* pode ser empregada no lugar do advérbio.

Considerações Finais

Mediante a permanência do valor temporal ao longo das sincronias estudadas, verifica-se que esse emprego não se configura como simples variação, porque esta estaria fadada a um determinado período ou escritor. O emprego temporal revela a tendência de a Língua Portuguesa adotar os mesmos recursos linguísticos para expressar tempo e espaço, justificados pela relação metafórica que os une.

As passagens em que a partícula estudada aparece com expressão de tempo permitem observar que o uso relativo do item se mantém, havendo mudança na função sintática: adjunto adverbial de tempo. Em outros excertos, o *onde* equivaleu à conjunção *quando* por unir orações e indicar o momento em que as ações ocorreram, organizando-as na linha temporal ou contrapondo-as com outras atitudes dos cristãos, contrárias ao seguimento religioso.

A adoção de uma temática única dos textos analisados não trouxe contribuições tão distintas daquelas existentes acerca do advérbio, visto os resultados obtidos se aproximarem aos já verificados em recortes sincrônicos diferentes e com *corpora* de temática variada. O trabalho com a diversidade de gêneros textuais pesquisados, sobretudo na sincronia XXI, também não inova as análises realizadas; pelo contrário, comprova a multifuncionalidade que se vem aplicando ao item.

Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.

BEM VEIGA, Albino de. **Virgeu de consolaçon**. Edição crítica de um texto arcaico inédito. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.

BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Variação e mudança no português arcaico: um antigo e novo onde nas Cantigas de Santa Maria. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 9 n. 18, p. 178-192, jan./jun. 2006.

BONFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. Subsídios para o estudo de aonde e donde, usados por onde, no português moderno. **Semear** (PUCRJ), Rio de Janeiro, v. 6, p. 321-334, 2002. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/Revista/semiar_6.html>. Acesso em: 11 dez. 2005.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. **Textos pedagógicos e gramaticais de João de Barros**. Lisboa: Verbo, 1969.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide (Orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. Novos dados, novas análises. Salvador: Edufba, v. 6, p. 223-296, 2006.

COSTA, Sônia Bastos Borba. Espaço e tempo em adverbiais portugueses quinhentistas. In: _____; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: Edufba, 2004. p. 175-192.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Lingüística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Gramaticalization**. Cambridge: University Press, 1993.

IGREJA NOSSA SENHORA AUXILIADORA. **Missa**. Rádio Tupã AM/FM. Exibição em: 19. nov. 2006.

MAGNE, Augusto. **A demanda do Santo Graal: glossário**. v. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

_____. **Boosco deleitoso.** Edição crítica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950. Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/capa/index.php>>. Acesso em: 19. mai. 2006.

MARINGÁ MISSÃO, n. 91, jul. 2006.

MARINHO, Janice Helena Chaves. **O funcionamento discursivo do item onde: uma abordagem modular.** 2002. 305p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico:** fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: padrão, 1976.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: UNESP, 2000.

REVISTA DE APARECIDA. Aparecida: Santuário, n. 42, set. 2005.

_____. Aparecida: Santuário, n. 44, nov. 2005.

_____. Aparecida: Santuário, n. 45, dez. 2005.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SOUZA, Adriana dos Santos. **Tempo e espaço:** a gramaticalização do item adverbial onde em textos religiosos: séculos XIV, XVI e XXI. 2007. 137p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

TV CANÇÃO NOVA. **Programa Nossa missão é evangelizar.** Exibição em 5. nov. 2006.